

CORREIO ECONÔMICO

Tânia Rêgo - Agência Brasil



Aperto monetário e carestia: na raiz do recuo varejista

‘Dupla perversa’ inflação-juros derruba vendas do comércio

Efeito da ‘dupla perversa’ inflação-juros, ambos em elevação, as vendas do comércio tupiniquim registraram recuo de 3,5% em dezembro último ante o mês anterior e de 1,7%, no comparativo anual, aponta o Índice do Varejo Stone (IVS), ao observar que, no segmento físico, a queda foi de 4,2%, em contraste com a alta de 3,4% do comércio digital, no comparativo mensal.

Recuos

Houve queda mensal: Vestuário e Calçados (-7%), Móveis e Eletrodomésticos (-6,4%), Artigos de Uso Pessoal e Doméstico (-4,5%) e Livros, Jornais, Revistas e Papelaria (-3,7%). Hipermercados, Supermercados, Produtos Alimentícios e Bebidas e Fumo (-3,3%).

Levando em conta o comparativo anual, as vendas do segmento físico caíram 2,1%, mas cresceram 7,7% no canal digital.

Mesmo com o recuo de 2,3% do comércio na semana do Natal, em relação ao esperado, o pesquisador econômico e cientista de dados da Stone, Matheus Calvelli explica que “o resultado não foi suficiente para reverter a alta de 0,6% ante 2023”.

Avanços

Em contrapartida, no acumulado de 2024, avançaram: Combustíveis e Lubrificantes, que (3,1%) e Artigos Farmacêuticos (2,5%). Cinco estados avançaram, no comparativo anual, como Roraima (3,9%); Sergipe (3,5%); Rondônia (2,2%); Pará (1%) e Goiás (0,9%).

Agência de Notícias da Indústria



Balança acumula superávit de US\$ 1,331 bilhão em janeiro

Balança comercial obtém superávit de US\$ 667 milhões

Mediante a obtenção de um superávit de US\$ 667 milhões (resultante de exportações de US\$ 6,5 bilhões e importações de US\$ 5,833 bilhões) na segunda semana de janeiro, a balança comercial brasileira acumula saldo positivo de US\$ 1,331 bilhão em janeiro, conforme dados divulgados, nessa segunda-feira (13)

pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Secex-MDIC).

Em outra projeção, a pasta informou que, até a segunda semana de novembro, a média diária das exportações registrou alta de 10,5% em relação à média diária do mesmo mês de 2024.

Couro em alta

Em expansão, as exportações do setor de couro brasileiro fecharam o ano passado com um faturamento de US\$ 1,26 bilhão, o que significa alta anual de 12,5% e de 22,3% no volume embarcado (em metros quadrados) e de 38,8% (em peso), segundo o CICB.

Bitcoin cai

Como reflexo do cenário macroeconômico adverso, após a divulgação dos dados de emprego nos Estados Unidos na última semana – que devem ‘inibir’ o corte dos juros pelo Fed (Federal Reserve) – o bitcoin – o Bitcoin (BTC) apurava queda superior a 3% a US\$ 91 mil.

China lidera

Entre os importadores do couro nacional, a China lidera, com avanço de 26,9% em valores, para US\$ 401,734 milhões, ou 20,8% considerando Hong Kong, para US\$ 425,133 milhões. Tal resultado, segundo o CBIC, decorre da diversificação de mercados no ano passado.

Emprego EUA

Pesa contra o avanço da Criptomoeada, dados do relatório de empregos do mercado dos EUA (payroll), que reduziram as ‘apostas’ de queda de juros ao longo do ano, pois a economia local criou 256 mil empregos em dezembro, acima dos 200 mil previstos.

IPCA projetado pelo boletim Focus para 2025 atinge 5%

Avanço da inflação já ‘contamina’ 2026, que subiu para 4,05%

Felipe Goettenauer

Por Marcello Sigwalt

Prova incontestável de que o ‘duríssimo’ aperto monetário aplicado pelo Banco Central (BC) está se tornando ineficaz para o controle inflacionário, o boletim Focus – consulta semanal da autarquia às 100 maiores instituições financeiras nacionais – projetou avanço pífio, mas notável, de 4,99% para 5% do IPCA (índice oficial de inflação) para 2025, o mesmo valendo para o ano seguinte, que passou de 4,03% para 4,05%; o índice foi mantido, por enquanto, em 3,90% para 2027, e de 3,50% a 3,56%, para 2028.

O viés altista do IPCA ganha maior relevância, levando em conta que a taxa básica de juros (Selic) – cuja previsão deste boletim foi mantida em 15% para este ano – hoje em 12,25% ao ano, mas que deverá ser alçada a 14,25% ao ano, nos próximos dois meses. Enquanto que para 2026, a Selic ‘estacionou’ em 12% ao ano, para 2027, esta cresceu de 10% para 10,25%, continuando em 10% ao ano, como há três semanas, para 2028.



Mesmo com a escalada da Selic pelo Banco Central, inflação projetada para 2025 avança

O contraste perfeito mais significativo do Focus, porém, fica por conta do PIB (Produto Interno Bruto) ‘empacado’ em 2,02%, após subir 0,01 ponto percentual (p.p.), há duas semanas.

O mesmo padrão pode ser observado nos demais anos (2026, 2027 e 2028), mantidos em 1,8%, 2% e 2%, res-

pectivamente.

Em que pese o desajuste fiscal, a ‘banca’ continua mantendo estável a projeção de déficit do resultado primário deste ano, em 0,60% do PIB, a exemplo de 2026 (-0,50% do PIB); para 2027 (-0,30% do PIB) e 2028 (-0,06% do PIB).

A projeção da dívida líquida do setor público deste ano caiu

para 66,95% do PIB; subiu de 70,80% para 71,19% do PIB para 2026, ficando estável em 74,10% do PIB para 2027.

Enquanto a previsão para a balança comercial de 2025 caiu de US\$ 74,20 bilhões para US\$ 73,95 bilhões, o investimento estrangeiro direto (IDP) projetado para este ano continuou em US\$ 70 bilhões.

Bolsa sobe 0,13%, apesar de desconfiança

O Ibovespa terminou com alta de 0,13%, aos 119.006,93 pontos, um avanço de 151,5 pontos. O dólar terminou o dia com uma baixa de 0,07%, a R\$ 6,09, após subir no início da sessão. E os DI (juros futuros) terminaram mistos a segunda-feira.

O movimento foi quase estável, demonstrando certa desconfiança dos investidores com o governo federal. Isso porque o secretário executi-

vo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, sinalizou em entrevista ao jornal O Globo que o governo deve adotar novas medidas fiscais neste ano. Lá em novembro, essa informação empolgaria mais. Agora, parece que nem tanto, não fez barulho algum.

Do outro lado, a meta de resultado primário do governo federal de 2024 tende a ser cumprida, considerando o limite inferior estabelecido, mas

o quadro fiscal ainda demanda atenção, disse diretor de Política Econômica do Banco Central, Diogo Guillen.

Enquanto os investidores esperam para ver o que o governo vai fazer para tentar colocar a trajetória da dívida nos trilhos, há a pressão externa.

Na Europa, as Bolsas caíram. Nos EUA, terminaram mistas, com as chances do Federal Reserve interromper

o ciclo de alta crescendo. Investidores vêm se posicionando para uma postura cada vez mais conservadora do Fed, em meio a indicadores resilientes do mercado de trabalho e preços. E ainda tem uma tensão bélica cada vez mais forte no ar.

Esse começo desconfiado dos mercados globais tem feito o Ibovespa ser mais cauteloso nas compras, enquanto nas vendas está mais solto.

Goldman: governo comete ‘grave erro’

221473abhijithsaravanan/CC BY-SA 4.0

Por Marcello Sigwalt

Um grave erro de análise. A expressão pesada partiu do economista-chefe do Goldman Sachs para a América Latina, Alberto Ramos, para quem o governo do mandatário perulário petista passa a ‘falsa impressão’ de uma ‘rota de estabilidade’ da economia do país e de que ‘tudo estaria plenamente sob controle’.

“O grande equívoco é achar que esse equilíbrio que a gente tem hoje, de crescimento a 3,5%, com inflação de 4,7% ou 4,8% e mercado de trabalho robusto, é estável. Entendo que é altamente instável”, disparou Ramos, em entrevista ao Radar Econômico.

Premonitório, o economista-chefe do Goldman Sachs vê como ‘consequência inevitável da atual conjuntura econômica’ no curto prazo a desaceleração da economia, como já previsto



Banco dos EUA não poupa críticas à ‘falaciosa’ gestão fiscal

para 2025 por analistas do mercado, além de inflação crescente e câmbio depreciado.

Avançando em suas críticas à ‘(indi)gestão econômica esquerdista, Ramos entende que o Planalto está ‘forçando os limites do crescimento da economia’, usando “ativismo excessivo

da política fiscal”.

Numa comparação automática, o economista explica que “se você quer fazer uma viagem longa e rápida, você não pode ir a 220 km/h o tempo todo, porque o motor vai superaquecer e vai estourar”. Ao mesmo tempo, ele avalia que o Banco

Central (BC) ‘corre atrás do prejuízo’, mediante aperto monetário, tendo em vista ‘frear’ a sede de gastos do governo. No entanto, prossegue, para tornar a economia realmente estável, “é preciso ir à origem do problema, as contas públicas, avalia o economista”.

Saída racional

Em tom semelhante, o ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do BC, Henrique Meirelles, acentua que a ‘única saída racional para a redução de juros e preços é o ‘controle severo’ das contas públicas. Ao mesmo tempo, o tarimbado economista admite que um eventual ajuste fiscal que mude tal cenário ‘é pouco provável’.

Meirelles constata que o pacote de gastos, anunciado em novembro, ficou muito aquém do desejado pelo mercado financeiro e por uma série de economistas de renome.

BC: “Foco é a sustentabilidade da dívida”

O diretor de Política Econômica do Banco Central (BC), Diogo Guillen, disse nesta segunda-feira, 13, que o debate fiscal tem sido sobre a sustentabilidade da dívida, e não em relação ao atingimento de metas de curto prazo. Ele fez a afirmação durante live promovida pela Bradesco Asset sobre os potenciais impactos da política monetária na conjuntura macroeconômica de 2025. A conversa é conduzida pelo

economista-chefe da instituição financeira, Marcelo Toledo.

Guillen lembrou que no Questionário Pré-Copom (QPC), o BC fez uma pergunta sobre se a situação fiscal melhorou, ficou sem mudanças relevantes ou se piorou. Cerca de 80% das respostas apontavam que a situação fiscal piorou. “O debate tem sido cada vez mais sobre a sustentabilidade da dívida, não tanto sobre o atingimento do primário

do ano e do arcabouço, mas sobre como é que vai se dar esse processo da sustentabilidade da dívida”, apontou.

Ele apresentou um gráfico da Pesquisa Focus para os próximos anos, que indica a elevação da dívida. “Sobre preços de commodities e preço ao produtor, eu acho que o que mais tem tido impacto é justamente a dívida”, citou. Sobre essas matérias-primas, o diretor comentou que, em dólar, hou-

ve alta dos preços, mas quando se coloca a depreciação do real, os preços em reais tiveram maior impacto. “Qual vai ser o impacto disso? A gente pode discutir”, disse, comentando que o colegiado caminha para discussão sobre qual será o repasse cambial para as indústrias e os serviços. Para ele, o pass-through é mais alto quando há um lado mais apertado e a taxa de câmbio é persistentemente mais depreciada.